

O ARRIVISMO EM *A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA*, DE MOACYR SCLiar

Lemuel de Faria Diniz¹

Resumo: Este texto se propõe a demonstrar como o arrivismo perpassa a trajetória de alguns dos personagens do livro *A mulher que escreveu a Bíblia*, obra que recria literariamente a vida de uma mulher letrada na época do reinado de Salomão, monarca hebreu. O referido romance, de autoria do escritor e médico Moacyr Scliar (1937-2011), foi reconhecido com o “Prêmio Jabuti” no ano 2000. Neste trabalho se pretende primeiramente explicitar o conceito de arrivismo e, em seguida, delineá-lo no conjunto da vasta produção literária de Scliar, na qual figuram mais de setenta livros de gêneros diferenciados, tais como romances, ensaios, crônicas, ficções infanto-juvenis e contos. Por fim, pretende-se demonstrar esse arrivismo no romance em análise, principalmente nas atitudes de um patriarca e de um rei.

Palavras-chave: arrivismo; *A mulher que escreveu a Bíblia*; Moacyr Scliar.

No conjunto da produção literária do escritor Moacyr Scliar (1937-2011) consta mais de setenta livros de gêneros diferenciados, tais como romances, ensaios, crônicas, ficções infanto-juvenis e contos. O escritor gaúcho teve suas obras publicadas em mais de vinte nações e foi reconhecido quatro vezes com o “Prêmio Jabuti” (em 1988, 1993, 2000 e 2009), respectivamente, pelas obras *O olho enigmático* (categoria Contos), *Sonhos tropicais* (categoria Romance), *A mulher que escreveu a Bíblia* (categoria Romance) e *Manual da paixão solitária* (categoria Romance, também escolhida obra de Ficção do Ano). Além de colaborador em vários órgãos da imprensa no país, como a *Folha de São Paulo* e o *Jornal Zero Hora* (RS), Scliar foi médico e membro da Academia Brasileira de Letras a partir do ano 2003.

¹ Professor do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Coxim. Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Este trabalho é um recorte de parte da minha tese, defendida e aprovada em dezembro de 2015. E-mail: ld1981@yahoo.com.br

O romance *A mulher que escreveu a Bíblia*² narra a vida de uma mulher letrada que viveu no tempo do rei Salomão. Essa personagem feminina, muito crítica e feia, observava atentamente os comportamentos dos outros personagens, constatando e narrando as recorrentes atitudes arrivistas deles. Embora ela mesma seja a narradora, seu nome não é revelado, razão pela qual nessa investigação ela será identificada apenas como a “feia” ou a escriba.

Um personagem arrivista é aquele que faz de tudo para vencer na vida. O arrivismo consiste num conjunto de atitudes tomadas pelos que querem vencer na vida usando quaisquer meios, inclusive os ilícitos. O termo é muito associado a personagens da literatura francesa, como Julien Sorel, do livro *O vermelho e o negro*, de Stendhal, e Eugène de Rastignac, da obra de Honoré de Balzac, *Le Père Goriot*. Apesar disso, o referido termo também é empregado para exemplificar personagens da literatura brasileira, como Fernando Seixas, de *Senhora*, de José de Alencar, conforme explica Fabiana Garcia Coelho, na dissertação “A construção do(s) arrivismo(s) em Balzac e Alencar”, defendida na USP, em 2012, e que teve como orientadora a professora Dra. Glória Carneiro do Amaral. No primeiro capítulo do livro *Literatura como missão*, ao analisar a inserção compulsória do Brasil na Belle Époque, Nicolau Sevcenko afirma que nesse período o Rio de Janeiro era a “capital do arrivismo”, e que escritores como Lima Barreto denunciaram, por meio de crônicas, essa postura condenável, já que “as relações sociais passam a ser mediadas em condições de quase exclusividade pelos padrões econômicos e mercantis, compatíveis com a nova ordem da sociedade”. Cotejando diversas informações, Sevcenko pontua que o arrivismo é composto pela ambição de fortuna e pelo “individualismo, levado aos exageros destruidores do egoísmo [...] a noção de sacrifício se extingue com os progressos do individualismo revolucionário, cujo preceito supremo é o *cada um por si*” (SEVCENKO, 1999, p. 39, grifo original).

Considerando o conjunto da obra de Scliar, a presença de personagens arrivistas se dá de maneira pouco frequente, podendo ser, por exemplo, constatado em textos anteriores ao romance AMQEB, como em “Transações imobiliárias”, publicado originalmente em *O olho enigmático*

² Daqui por diante a referida obra será citadas apenas com as letras iniciais, ficando grafada, assim: AMQEB.

(1986) e compilado em *Contos reunidos* (1995). Nesse conto, um corretor de imóveis precisava vender um apartamento de preço altíssimo. Surge um único interessado: um jovem muito rico que estava atravessando uma terrível crise existencial. Almejando a qualquer custo encontrar a razão de se viver, esse homem confia ao corretor que chegou a pensar em saltar de um edifício desejando não propriamente suicidar, pois “o que queria era, no vertiginoso trajeto rumo ao asfalto [em queda] descobrir o sentido da vida” (SCLIAR, 1995, p. 36). Diante disso, o corretor, mesmo sabendo das tendências autodestrutivas do rapaz, insiste na venda do apartamento, insinuando, aos poucos, que quanto maior a altura do imóvel comprado, mais tempo o jovem teria para “descobrir” o sentido da vida antes de se espatifar no chão. O homem adquire uma “cobertura num décimo oitavo andar” (SCLIAR, 1995, p. 36) e, como era de se esperar, depois se atira lá de cima. O corretor contempla a tragédia e simplesmente “entra no carro e parte rápido, seguindo uma trajetória praticamente horizontal” (SCLIAR, 1995, p. 37).

Outro texto que exemplifica a presença do arrivismo na obra de Scliar é o conto “No Retiro da Figueira”. Neste, é o chefe dos guardas que faz de tudo para ganhar muito dinheiro, embora seu maligno caráter só fique explícito ao final do conto. Esse personagem é estratégico em elaborar e colocar um prospecto colorido na porta das casas de pessoas com excelente condição financeira, visando a despertar nelas o interesse de adquirir uma casa no condomínio “Retiro da Figueira”. Dá certo: o narrador e “todos tinham vindo [morar lá] pelo prospecto” (SCLIAR, 1995, p. 61), repleto de imagens de paisagens naturais e prometendo segurança absoluta. Esse chefe dos guardas causa no narrador e nas demais pessoas a impressão de amável, educado, inteligente e culto, transmitindo confiabilidade a todos, além de ser “muito simpático” (SCLIAR, 1995, p. 62). Depois do primeiro mês, a sirene de alarme passa a ser acionada com certa frequência, sob a alegação de que haveria marginais nas imediações. Por fim, durante dois dias consecutivos, o chefe dos guardas alega aos moradores que ninguém poderá sair do condomínio por motivo de segurança quando, na verdade, ele havia pedido um resgate pelos moradores. O chefe da segurança e seus comparsas fogem num jatinho à vista de todos. “Nunca mais vimos o chefe e seus homens. Mas estou certo de que

estão gozando o dinheiro pago por nosso resgate. Uma quantia suficiente para construir dez condomínios iguais ao nosso” (SCLIAR, 1995, p. 63).

O arrivismo dos personagens de AMQEB difere dos outros escritos scliarianos em que essa característica se faz presente, pois nesse romance a perspectiva arrivista se efetiva junto com a dessacralização dos mandamentos divinos. Por isso, AMQEB contém personagens arrivistas que, no afã de atingir seus objetivos a qualquer custo, praticam atos contrários às determinações divinas e geralmente não mostram qualquer arrependimento.

Dentre esses, figuram o pai da feia, que além de andar “metido em negócios escusos – parte de seu rebanho era, para usar um eufemismo, de procedência duvidosa” (SCLIAR, 2007, p. 16), foi prontamente favorável em ceder a filha para o harém salomônico quando a ela foi requisitada por meio de uma “aliança política”. Nesse momento, o patriarca pensou muito nas vantagens:

O casamento, como dizia a carta, era uma aliança política – e aliança com o rei era a coisa que todo chefe tribal almejava, **ele mais do que todos**, principalmente porque enfrentava múltiplas ameaças, externas e internas. [...] Por outro lado, sua liderança na tribo não era das mais sólidas [...] Aliado do trono, porém, ele passaria a gozar de proteção especial; seu status melhoraria, sem falar nas dívidas que certamente seriam perdoadas, ou pelo menos reescaloadas, com juros baixos, coisa de dois, três por cento ao ano, tudo dependendo, naturalmente, da conjuntura econômica. (SCLIAR, 2007, p. 35, grifo nosso)

A narradora demonstra conhecer muito da mente de seu pai, demonstrando que quase o tempo todo ele está pensando em dinheiro. A outra gama de pensamentos desse patriarca está voltada para levar mulheres à caverna para adular (SCLIAR, 2007, p. 16, 20, 21). Ela parece não ter raiva do pai, mostra-se conformada com o arrivismo dele, o que surpreende para uma jovem que tem raiva de Deus, outro referencial masculino.

Em AMQEB nenhum arrivista é bem sucedido, a não ser o rei hebreu. Como arrivista, Salomão é o único que verdadeiramente conquista o sucesso, mas isso só ocorre porque ele interage com pessoas habilidosas para trabalhar

para ele: a feia escreve muito bem, ³ Mikol o ensina a fazer sexo ⁴ e com isso montar um harém por meio de alianças com outros povos (SCLIAR, 2007, p. 35) etc.

Além disso, o filho de Davi recorre a “poderes mágicos” (SCLIAR, 2007, p. 116), seduz a Rainha de Sabá, dentre outras estratégias. Aliás, assim que toma conhecimento de que essa governante viria visitar o rei, a feia se questiona se o interesse dela também estaria afetada por um arrivismo: “Aparentemente, [a Rainha de Sabá] vinha em busca de sábios conselhos, a exemplo de outros governantes; mas será que esse propósito declarado não mascarava ocultas intenções, uma aliança **político-sexual**?” (SCLIAR, 2007, p. 129, grifo nosso).

Na sequência, Salomão seduz a soberana de Sabá, o que lhe rende a oportunidade de manter seu reino, pois, pelo que diz a narradora de AMQEB, a beleza perfeita da Rainha de Sabá não foi o único motivo do rei hebreu deitar-se com ela tantas vezes enquanto ela permaneceu no palácio israelita (SCLIAR, 2007, p. 138-139). A governante de Sabá trouxe de seu reino quatro mil quilos de ouro, dentre perfumes valiosos e pedras preciosas. Com esse ouro, o problema da dívida externa praticamente deixaria de incomodar o reino e “Salomão teria grana suficiente para dar os últimos retoques no Templo, para equipar melhor o exército, para comprar concubinas” e, como posteriormente disse a encarregada do harém à feia: “A rainha de Sabá vai partir, vamos todos homenageá-la. Quatro mil quilos de ouro, isto não é brincadeira, menina. De agora em diante, é vida boa para todos nós” (SCLIAR, 2007, p. 136, 153). Essas informações sinalizam que em AMQEB Scliar faz uma paródia do texto bíblico, que inúmeras vezes, apresenta Salomão como um rei autossuficientemente rico, que recebia presentes de outros monarcas por questões diplomáticas, mas por iniciativa deles (I Reis capítulos 4 e 7). A paródia também ocorre sob outra perspectiva: para a narradora, é por interesse financeiro que Salomão declama para a rainha estrangeira o verso bíblico “Faremos para ti brincos de ouro” –

³ Salomão diz à protagonista de AMQEB: “escreves muito melhor que cada um deles [os escribas do seu reino]” (SCLIAR, 2007, p. 90).

⁴ Mikol relata isso à feia: “Não trepava direito, o pobre rapaz [Salomão]. Um dia me confessou: comprara uma concubina exatamente por isso, porque não sabia fazer amor. Pediu-me que o iniciasse no sexo [...] Logo vi que teria de ir muito devagar, conduzindo-o passo a passo.” (SCLIAR, 2007, p. 120).

presente no *Cântico dos Cânticos* – e ela se emociona. Isso porque na concepção da feia o ouro foi fornecido pela própria soberana de Sabá e isso faz do rei hebreu um “cretino” (SCLIAR, 2007, p. 139). Sendo mais sucinto, aqui a paródia se instaura porque o Salomão bíblico não é um explorador de mulheres ricas como o Salomão de Scliar.

A percepção de que o rei hebreu é arrivista também advém do fato de que ele sabe se relacionar bem para evitar conflitos. Ele trata muito bem os anciãos do reino, mas diante da feia confia o que realmente acha deles:

[...] vamos ver se chegamos a um meio-termo satisfatório para todos. Mesmo porque esses velhos têm alguma força. Foram todos indicados pelo sumo sacerdote do templo, e com o clero, tu sabes, não se pode brincar. (SCLIAR, 2008, p. 97)

É desse modo que o filho de Davi trabalha para alcançar seus objetivos, recorrendo à “conciliação” quando necessário. É um arrivismo calculado, estratégico. Mas se Salomão conquista sucesso, o genitor da escriba não alcança nenhuma posição social e financeira de destaque e não é mais mencionado antes da metade do livro.

É interessante observar que, embora a feia fosse filha de um patriarca arrivista e estivesse apaixonada por Salomão – outro arrivista – ela não se deixa dominar por essa maneira de viver. É possível que ela não tenha se tornado uma arrivista por causa da percepção da sua própria fealdade. Nesse contexto, cabe salientar que a fealdade da narradora-protagonista se restringe ao seu rosto e aos seus cabelos, pois, segundo a própria protagonista: “Tenho belas mãos (aliás tenho belos seios, belos quadris – sou da variedade paradoxal conhecida como feia-de-cara-mas-boa-de-corpo)”. Em outra ocasião, em que é examinada pelo sacerdote, explica a narradora: “Ele me olhou de cima a baixo. Nada disse, por razões óbvias, mas eu sabia o que ele estava pensando: é boa de corpo, essa aí, o rei vai passar bem” (SCLIAR, 2007, p. 23, 41). A beleza do corpo da protagonista é realçada em outras duas ocasiões (SCLIAR, 2007, p. 50, 73) e a dos seios em mais outro momento (SCLIAR, 2007, p. 73). Além de sofrer com o trauma da sua feiura facial e capilar, a narradora-protagonista convive o tempo todo com seu “oposto”: sua irmã, extremamente belíssima, sendo essa beleza muito enfatizada pela narradora: “era linda, ela. Tão linda quanto eu era

feia. Grandes olhos, narizinho delicado, boca bem desenhada... Linda mas imprudente” (SCLIAR, 2007, p. 16).

Já no palácio salomônico, a feia continua tendo que se submeter ao autorreconhecimento da sua fealdade. Nesse lugar, ela conhece muitas mulheres bonitas, como Mikol, uma concubina que outrora o rei adquiriu para ensinar-lhe a fazer amor. Quando a protagonista de AMEB a conheceu, Mikol, “ainda bonita, sensual, já não era contudo jovem”. Tornaram-se amigas e confidentes. Posteriormente, Mikol foi acometida de tumores nos seios, e, ao contemplá-los, a protagonista lembrou o quanto a amiga fora bela: “Através da camisola entreaberta apareciam os seios que, poucas semanas antes, eu ainda admirara: tão belos eram” (SCLIAR, 2007, p. 119, 120, 124).

Em AMQEB, a mulher que aparece como sendo a mais bonita é a Rainha de Sabá. Sua formosura é lembrada em diversos momentos. Assim que a feia toma conhecimento que essa rainha viria visitar o filho de Davi, ouve falar que ela “era famosa” “pela beleza e pela audácia e pela riqueza”. Depois disso, a escriba menciona que nos corredores palacianos todos “se acotovelavam para vê-la com seu porte altivo, sua graça, sua beleza”. Dessa rainha, ainda se lê: “Em beleza, [...] todas [as mulheres do harém] juntas não chegavam aos pés da fascinante mulher”; “Os prazeres, esses ficavam reservados à rainha de Sabá. Que era linda”. Até mesmo quando ela estava voltando para seu país, foi-se “graciosa como sempre” (SCLIAR, 2007, p. 129, 135, 136, 137, 161).

Uma das explicações para o insucesso do arrivista pai da feia estaria no despreparo. Ele não sabe escrever e precisa de um escriba para responder as cartas enviadas pelo rei Salomão. Ao que parece, ele menospreza o letramento, pois num dado momento diz à filha: “Nem eu, que sou chefe, sei ler e escrever” (SCLIAR, 2007, p. 110). Suas fraquezas não se resumem a isso, são bem mais amplas: “Era um homem ambicioso, ele, ainda que não muito inteligente. E intratável: não admitia ser contrariado” (SCLIAR, 2007, p. 15-16, 29).

Diferentemente do patriarca genitor da feia, Salomão é um personagem que projeta na escrita outra faceta arrivista, quando da sua ambição de ser lembrado na posteridade. Ao encomendar o livro para a feia, ele lhe diz que não quer ser “lembrado por ruínas” e que “o conteúdo do livro [...] é uma mensagem que passa de geração em geração, que fica na cabeça das

peças. E que se espalha pelo mundo” (SCLiar, 2007, p. 88). Ou seja, o arrivismo salomônico contemplava o livro, pois se as suas obras chegassem a ser destruídas, tudo ficaria registrado nessa obra. A primeira pessoa que receberia uma cópia desse livro seria a Rainha de Sabá (SCLiar, 2007, p. 156). Ciente das pretensões arrivistas do rei, num dado momento a feia assim se manifesta: “[eu] tinha de escrever uma narrativa que, para mim, nada representava, era somente o testemunho da vaidade do rei” (SCLiar, 2007, p. 125). O arrivismo de Salomão é tão evidente para a escriba que na concepção dela até mesmo a construção do Templo concorre para isso. Num dado momento, a protagonista pensa consigo mesma:

Sim, eu conhecia o templo – por fora, já que entrar ali era coisa vedada às mulheres. A mim não impressionava muito aquela grande, luxuosa construção. Mas ele, ao contrário, considerava-a a grande realização de seu reinado. E aí começou a falar sobre o templo. [...] Milhares de trabalhadores haviam sido mobilizados, imensas quantias haviam sido gastas, mas ao cabo de treze anos o Templo estava praticamente pronto, testemunhando a presença de Deus e transformando-se num símbolo de unidade religiosa. Peregrinos agora vinham de todo o país para ali orar, para fazer sacrifícios. **Jerusalém se havia tornado cidade sagrada, além de capital política. O que ele considerava um êxito pessoal, uma consagração. Verdade que tinha meio caminho andado, graças à ideia de um deus único. A proibição de ídolos havia ajudado muito, porque cada ídolo é expressão de um grupo e cada grupo tem seus interesses. O templo representara a superação dos interesses grupais; traduzia a unidade nacional.** (SCLiar, 2007, p. 87-88, grifo nosso)

Como filha de um patriarca e criada sob os ditames da religião, é surpreendente como a protagonista escapa de qualquer alienação e concebe a consolidação do templo de adoração a Jeová mais sob um olhar político do que com uma perspectiva religiosa. Desse modo, a argúcia dessa personagem escancara para o leitor que Salomão só faz o que pode convergir para as suas intenções arrivistas, até mesmo o que diz respeito à – suposta – adoração a Deus. Agindo assim, ele engana os cidadãos de seu reino e se impõe usando o nome do Senhor. Nessa perspectiva, a feia se aproxima do comportamento do rei Salomão, já que ela prefere Astarté ⁵ a Jeová e quando é convidada para

⁵ De acordo com Bruce Metzger e Michael Coogan, em seu *Dicionário da Bíblia*, Astarté era a deusa da fertilidade e do amor, além de ser associada também à guerra. “Na Bíblia, o culto da deusa é repetidamente condenado: duas vezes no livro dos Juízes os israelitas são punidos por se extraviarem atrás dos Baals e das Astartes; Salomão é criticado por cultuar Astarte [ele

escrever o livro sobre a história dos hebreus, já no início da empreitada, se questiona: “Por que Deus e não Deusa? Por que Jeová e não Astarté, a divindade que outros povos da região veneravam?” (SCLIAR, 2007, p. 94). Mas, apesar de não demonstrar apreço por Jeová, a protagonista admite sua existência, bem como sua onisciência e onipotência. Em algumas ocasiões, ela até ora a Ele e O agradece: “Pela primeira vez em muito tempo, rezei: pedi a Jeová que me ajudasse”; “Salomão estava bem. Oh, Deus, Salomão estava bem. Obrigada, Deus, Deusinho, obrigada por teres poupado a vida dele. Obrigada, Deus”. Essa atitude oscilante da feia em seu relacionamento com Deus também pode ser compreendida por causa da severidade dos anciãos com a narradora, que impuseram a ela a concepção de um Deus muito austero: “[eu] adorava sinais gráficos, os anciãos os detestavam; para que interrogação ou exclamação, se Deus não pergunta nem sem admira? Para que reticências, se Deus não é reticente?” (SCLIAR, 2007, p. 60, 84, 122, 153).

Tal qual a feia, Salomão é outro personagem que vive uma relação contraditória em relação a Deus: o monarca quer que a protagonista escreva seu livro mencionando Jeová como o deus Criador e o deus da nação israelita, mas o próprio soberano segue Deus e também Astarté, como denuncia o pastorzinho anônimo num diálogo com a feia na parte final da narrativa:

Salomão segue Astarté, a Grande Deusa para os pagãos, a Grande Prostituta para o nosso povo, a divindade diante da qual os poderes do mundo inferior se curvam. Salomão construiu um templo para os deuses dos amonitas. E, para financiar esta abominação toda, o povo geme sob o peso dos impostos. Este é o rei sábio? Responde, esta é a sabedoria dos reis? (SCLIAR, 2007, p. 145)

Ao longo da narrativa, o líder político de Israel não parece carregar qualquer sentimento de culpa por essa dubiedade religiosa. Porém, na visão do pastorzinho, a adoração do rei à Astarté seria uma prova de que ele não era sábio. O pastor pretende assassinar Salomão porque no Judaísmo somente

permitted the worship of Astarté, conforme I Reis 11.4-5; II Reis 23.13]” (METZGER; COOGAN, 2002, p. 25). Em I Reis 11. 4-5 se lê: “Porque sucedeu que, no tempo da velhice de Salomão, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses; e o seu coração não era perfeito para com o Senhor, seu Deus, como o coração de Davi, seu pai, porque Salomão andou em seguimento de Astarote, deusa dos sidônios, e em seguimento de Milcom, a abominação dos amonitas”.

Jeová poderia ser adorado. Nessa parte da narrativa se nota a presença do fundamentalismo religioso, expressão que carrega em si a noção de se matar um indivíduo por não se aceitar a crença desse alguém. O pastorzinho foi recrutado pelo Mestre da Justiça, passando a fazer parte do grupo dos “Guerreiros do Bem” e disposto a travar a “batalha final”, que, quando acontecer, “rios de sangue correrão nesta terra, carregando consigo o pecado e a abominação”. O fundamentalismo religioso do pastorzinho é tanto que, ao falar para a feia como se tornou um “Guerreiro do Bem”, ele diz que antes de ser o Mestre da Justiça, seu mentor era “um rico patriarca, homem poderoso”, mas “como não podia pagar os tributos, prenderam-no. Ficou três anos no cárcere”, até que teve um encontro com o falecido irmão de Salomão (SCLIAR, 2007, p. 144-145). Aqui se estabelece uma inconsistência: se o homem era rico, patriarca e poderoso, como não pôde pagar os tributos, indo parar na cadeia? Essa aparente contradição do texto talvez seja proposital para exemplificar o quanto os seguidores de certas seitas não percebem os infundados aspectos que a sustentam.

Dentro desse contexto vigente, há que se acrescentar ainda que, quanto à escritura do livro encomendado por Salomão, a feia deixa de se questionar: “Por que Deus e não Deusa? Por que Jeová e não Astarté [...]?”, pelo motivo de que não poderia começar o grande livro “criando caso” com Salomão, que nessa ocasião é chamado por ela de seu “patrocinador” (SCLIAR, 2007, p. 94), lembrando um mecenas. Porém, nem por isso, ela deixa de inserir com sutileza e argúcia suas críticas e preferências religiosas pagãs, assim como intencionalmente por meio de seu texto ela pretendia excitar o rei hebreu, “transmitindo uma mensagem”: “Algo como, olha aqui, seu broxa, este é o modelo que tens de seguir, e fica sabendo que quem é tórrida no texto é tórrida no leito” (SCLIAR, 2007, p. 96).

Mediante essas exposições, nota-se que em AMQEB os personagens arrivistas tentam galgar sucesso valendo-se de meios questionáveis, mas somente Salomão alcança o seu objetivo. Vivendo ora com seu pai, ora com o rei hebreu, a escriba tem tolhida qualquer possibilidade de vir a se tornar uma arrivista já que se sente limitada pela sua latente feiura, sendo que sua situação se agrava pelo fato de ela ter de conviver com mulheres lindíssimas do harém salomônico, bem como com a Rainha de Sabá quando esta visita o reino

israelita. Além disso, observa-se que, inscritos numa sociedade submetida ao Judaísmo, os personagens arrivistas também acabam por se deixar dominar pela idolatria.

REFERÊNCIAS

- COELHO, Fabiana Garcia Coelho. A construção do(s) arrivismo(s) em Balzac e Alencar. Dissertação defendida na Universidade de São Paulo, 2012.
- METZGER, Bruce M.; COOGAN, Michael D. *Dicionário da Bíblia*. Vol. I – As pessoas e os lugares. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- SCLIAR, Moacyr. *A mulher que escreveu a Bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Companhia de Bolso)
- _____. *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.